

# Como fazer rir um paranóico? (ou o riso: instantâneo alívio do insuportável)

*François Roustang*

Trad. Ivan Cupertino

Supervisão: Prof. Lélia Parreira Duarte

Vocês riram ao escutar o enunciado desta questão. Entretanto, eu asseguro a vocês que ela, de forma alguma, me faz rir. Pois, enfim, eis-me com um assunto nas mãos sem saber absolutamente o que dizer sobre ele. É o convite de vocês a causa de meu embaraço. Se o sonho de vir à Seattle não me tivesse sido apresentado como realizável, eu não teria perdido a cabeça a ponto de aceitar um assunto sobre o qual eu jamais havia refletido, e lido bem menos ainda. Se pelo menos eu tivesse escolhido falar para vocês do riso em algum autor bem conhecido, teria bastado ler e resumir. Eu poderia falar da ironia em Kierkegaard, ou da gaia ciência em Nietzsche, ou do chiste em Freud, ou até mesmo do riso em Bergson, um autor que eu apreciei na minha juventude e que não deve ser tão desprezível.

Por que, então, eu escolhi tratar dessa questão que não está repertoriada nas escolas, nem mesmo e sobretudo nas escolas de psicanalistas? Eu asseguro a vocês que eu não escolhi essa questão. Ela me veio numa manhã, num momento de identificações duvidosas, na angústia de precisar encontrar, pelo menos, um título para este ensaio.

Duvidando de tudo, como o outro na sua mortalha, eu devo me perguntar o que é que eu considero certo, e que me permitiria encontrar um apoio. Por um lado, eu fiz esta pergunta, logo, ela existe; que ela seja boa ou má, pouco importa. Por outro lado, quando eu enunciei essa questão, aqueles que a ouviram riram, ou pelo menos, me deram a impressão de ter rido, pois é necessário prudência quando ousamos afirmar que fomos capazes de fazer rir.

Entretanto, mesmo correndo o risco de cair no sério mais denso, eu devo reconhecer que esta questão não me ocorreu por acaso. Acontece-me de receber pessoas cujas tendências paranóicas são muito evidentes. Quando, após alguns anos de tratamento, eu as ouço rir ou, o que é mais excepcional, quando eu consigo fazer com que elas riam delas próprias ou de sua loucura de perseguidos, eu tenho a impressão de tocar o princípio do fim de nossa empreitada comum. Mas existe uma outra razão para esta questão me ter vindo a mente. Há uma vintena de anos que frequento o meio psicanalítico e eu me coloco todos os dias a questão que Groddeck dirigia a Ferenczi: "Eles desaprenderam o riso?" Eles possuem o ar de nadar em tais certezas com relação a seu trabalho, à sua prática, à teoria freudiana ou lacaniana, que não se vê por qual fresta poder-se-ia introduzir o riso sobre eles próprios; riso que é a porta a ser ultrapassada para se ver que as questões elementares foram levantadas.

Mas esta aproximação entre o riso e a paranóia poderia tornar-se inquietante. Se o paranóico está curado quando ele se põe a rir, é porque a paranóia é uma interdição do riso. Mas então, se os psicanalistas não podem rir, ou se proibem, por eles próprios evidentemente, o riso, não seriam eles paranóicos? A questão é tanto mais perturbadora quando se percebe que ela faz eco à frase de Freud: "eu tive sucesso ali onde a paranóia fracassou" ou à palavra de Lacan retomando a paranóia crítica de Salvador Dalí e propondo a paranóia dirigida, para definir a sua empreitada. A psicanálise seria uma paranóia que teve sucesso porque ela pretenderia ter a última palavra em toda discussão, a explicação decisiva em toda interpretação, a chave universal para abrir e fechar todos os problemas? Ou então seu sucesso e sua impossibilidade de rir dela mesma não seriam, antes, o resultado de sua necessidade de



invadir toda a existência durante toda a sua duração? A interdição de acabar com o riso, de colocar, em algum lugar, um termo, um limite, uma fronteira, quer dizer, uma interdição de sair para ver alhures se o céu está ainda no seu lugar, sem o concurso desse arsenal e dessas preocupações globalizantes.

Vocês pensam que eu estou delirando. Por que não? Uma vez que sou paranóico - desculpem, psicanalista - e que eu sou alérgico ao riso de mim mesmo. Entretanto, esse delírio me conduz a uma questão importante: a de supor que a psicanálise possui, mais ou menos escondidos, os traços essenciais da paranóia e que os psicanalistas, por exemplo, acreditam, sem riso, como os paranóicos, na universalidade explicativa de sua doutrina e na eficácia universal de sua prática. Não existiria, logo, nenhuma chance para que a psicanálise pudesse querer fazer rir um paranóico. Eis uma dificuldade sobre a qual será necessário voltar, pois ela poderia arruinar a tarefa suposta por minha primeira questão.

Eu poderia abrir um parêntese? A questão que Groddeck colocava a propósito dos psicanalistas não interessaria, por acaso, a outras categorias de indivíduos? Por exemplo, se o riso tem algo a ver com o pensamento, o da gaia ciência, poder-se-ia perguntar se os filósofos não desaprenderam o riso. E se o riso tem algo a ver com o prazer de ler, porque cada frase de um grande autor é um desafio lançado à dificuldade de viver, que não teriam, os críticos literários, por acaso, desaprendido o riso?

Mas, como não devo intrometer-me em domínios que não são da minha conta, fecho rapidamente o parêntese e chego à segunda certeza sobre a qual quero apoiar-me: vocês riram ao escutar a formulação de minha primeira questão. O riso de vocês está, provavelmente, ligado ao absurdo que ela contém. É absurdo, com efeito, pensar que um paranóico possa rir, mais absurdo ainda o projeto de fazer rir um paranóico, que não poderá interpretar esta tentativa senão sob os traços de uma perseguição suplementar. Contudo, o que é absurdo, e logo impossível, não é menos necessário. Por um lado, o paranóico não pode rir de sua loucura, pois ela constitui o sistema de defesa que ele fabricou para vencer as angústias e as incertezas que o paralisam. Por outro lado, é preciso fazê-lo rir, essa é, pelo menos, a ambição do terapeuta, para curá-lo de sua loucura. A questão que fazia vocês rirem é, então, séria para o terapeuta e, se vocês riem dela, é porque vocês não compreendem este terapeuta. Ele terá razão em pensar que vocês querem persegui-lo. Logo, vocês não riem mais, uma vez que vocês temem tornar-me paranóico, ou porque vocês constatam que eu o sou, pois eu fojtei um sonho de poder absoluto fazendo com que vocês acreditassem, apenas por minha primeira questão, que eu poderia fazer rir um paranóico, fazê-lo rir dele mesmo e sobre ele mesmo.

Esta é uma proposição absurda, uma vez que o paranóico está pleno de certeza no que concerne ao verdadeiro da verdade de suas certezas. Querer introduzir o riso, quer dizer um corte, na espessura dessa adesão a si, evidencia insensatez. Logo, pretender fazer rir um paranóico é querer colocar algum vazio ali onde não há, senão, plenitude. Se a operação fosse impossível, o paranóico a transformaria imediatamente em seu contrário e o vazio invadiria tudo. Não haveria senão vazio, de tal forma que o corte do riso se estenderia ao infinito e que todo mundo deveria rir todo o tempo. O que é perfeitamente contraditório, pois o vazio em todos os lugares e para todos não seria senão uma outra forma de plenitude. Somos então, levados à seguinte afirmação: se é impossível fazer rir um paranóico, é simplesmente porque o riso não pode durar e não pode estender-se ao infinito.

Dáí uma primeira questão: por que o riso não pode durar? Vocês acabam de fazer, neste instante, a experiência de que o riso não pode durar: vocês me escutaram dizer um certo número de besteiras, mas, como eu não soube parar a tempo, o riso ou o sorriso desapareceu do rosto de vocês. Para falar a verdade, eu não possuo, entretanto, os recursos de um grande comico. De onde, também, a segunda questão: quais são os limites do riso, uma vez que vocês estão de acordo sobre a impossibilidade de fazer o paranóico rir dele próprio e sobre o fato que querer fazê-lo rir leva a maltratá-lo. Eu gostaria de colocar uma terceira questão: qual a relação que o riso mantém com a incerteza, visto que a certeza com relação a si é a seriedade que proíbe o riso? Quando nós tivermos tentado responder a essas questões, nós poderemos voltar, sem risos, à possibilidade de fazer rir não um paranóico, mas alguém que o teria



sido e que teria continuado a sê-lo se não se tivesse conseguido fazer com que ele risse.

Por que o riso não pode durar? Porque ele é uma explosão, responde a língua. Uma explosão não poderia prolongar-se, a menos que, de tanto rir, cheguemos a morrer de rir. E corremos o risco de que essa morte nos guarde durante algum tempo. Mas por que o riso não é senão uma explosão? O riso, com efeito, explode como uma bomba que explode, como um vidro que se quebra, como uma luz que brilha, como uma voz que rompe o silêncio ou o discurso. Ele não pode durar porque ele é uma ruptura, uma ruptura que começa, uma ruptura em seu começo, um começo que não pode ter seqüência, porque ele deve ficar na maior proximidade possível com a própria coisa com a qual ele rompe. Eis porque o riso só existe no instante, no próprio momento em que a distância primeira aparece. Desde que a explosão aconteceu, a realidade retorna ao peso de sua história.

Mas trata-se de qual ruptura? De que se supõe que o riso nos afasta durante um instante? Justamente, daquilo que existe de mais contínuo e de inseparável, de não fragmentável; não do sofrimento como sentimento passageiro, mas do sofrimento que se identifica ao peso do destino, do sofrimento do qual é impossível abstrair-se, o sofrimento que os nevrosados consideram como sua única riqueza, porque ele é a maneira própria deles estarem no mundo e porque ele define a primeira apropriação, a que está intrinsecamente ligada ao fardo da liberdade, a que dá não o poder mas a potência, porque ela já venceu a morte.

E é isso, que é mais espesso que a noite, mais denso que o ferro, mais surdo que a pedra, mais verdadeiro que a necessidade que o riso deve fazer explodir, de onde ele deve tirar sua explosão. O riso é a menor unidade pensável do desapego, da diferença, do recuo; ele é o *quantum* da distância.

Nós temos outros meios de manter o sofrimento à distância. Em primeiro lugar, pelo amor. Com ele, pelo menos durante um tempo, o sofrimento está suficientemente presente para que nós possamos acreditar que nós lhe somos fiéis e que nós, no entanto, o vencemos. Em seguida, e mais freqüentemente, pelo trabalho, cujo sofrimento torna-se o combustível secreto, jamais reconhecido, quase esquecido. Tanto em um quanto no outro caso, a distância que se instaura e que se transforma em história nos inclinaria facilmente a pensar que nós encontramos a solução. A distância, pensamos, poderá ser mantida e o fardo deposto. Com o riso, ao contrário, e sua distanciação mínima, o sofrimento (do qual se sai apenas na espessura do instante) aparece em toda a sua crueza. O riso é o revelador do sofrimento. E não há outro.

É banal constatar que, na leitura de uma comédia de Shakespeare ou de uma peça de Molière, quando se vê um filme de Charlie Chaplin ou de Buster Keaton, não se sabe se vamos rir ou chorar, se vamos explodir de rir ou explodir em soluços, se respiramos um ar fresco e leve ou se estamos oprimidos pela angústia de um sofrimento aumentado pela distância mínima que tomamos em relação ao sofrimento.

Em sua relação com o tempo, o riso é o correlativo da angústia. Enquanto que a angústia, se acompanharmos Kierkegaard, é a liberdade que se impõe como possibilidade incontornável, o riso é a possibilidade para a liberdade de escapar dela mesma. Como se o riso nos deixasse entrever um instante a não-necessidade da liberdade. Ou ainda, na angústia, nós estamos submissos, sem escapatória, à necessidade de ter que romper com o determinismo da história. Pelo contrário, o riso, prevendo o fracasso da possibilidade, consola de antemão a liberdade que não pode surgir. Com a angústia, deveríamos sair da repetição; com o riso, é a repetição que se torna leve, que recebe a simpatia que não obriga mais "a se pegar pelo topete para saltar fora de sua sombra".

Se eu digo que o riso é o revelador do sofrimento, vocês objetariam que este sofrimento que é o fundo da existência humana está bem revelado na tragédia, no drama ou em algum *thriller*. É, com efeito, do mesmo sofrimento que se trata. Mas aqui, no drama, revela-se a ligação do homem ao sofrimento, o prazer que ele encontra em não se descolar dele, a necessidade que ele tem de contar esse sofrimento a si próprio e de nele enrolar-se. No divã do psicanalista, é esta nostalgia do mórbido que se expõe, freqüentemente, através de repetidas reclamações. A tragédia revela a que ponto esse sofrimento



tem a capacidade de desfigurar e de alterar; em resumo, de fazer ver que, entre os animais, o homem é, incontestavelmente, o mais inumano.

O riso, ao inverso, é o revelador do sofrimento enquanto humano; nele, aloja-se a possibilidade do respeito. O riso não resolve nada, simplesmente ele não esquece, ele mantém presente o insuportável sob os traços do alívio, ele dá lugar à abertura no fatal. No riso, justamente por causa dessa distância mínima, o sofrimento sabe a si mesmo e reconhece-se a si mesmo, de tal forma que ele não precisa mais inflingir aos outros o eco de seu barulho e de seu furor.

Eu falei do respeito, do qual o riso seria uma forma. Existe, de fato, na arte de fazer rir, uma elegância que evita fazer pesar nos outros a nossa própria desgraça. No lugar de exaltar as queixas, que poderiam ser justificadas em determinados momentos da vida, nós as distanciamos do olhar dos outros pelo riso. É necessário, ainda, que esse riso seja voltado para nós mesmos ou que, pelo menos, ele implique um "nós" no qual estejamos incluídos. Logo, pode-se esperar, também, que os outros nos respeitem, quer dizer, que eles respeitem o mórbido que não deixa de assustá-los e de tentá-los. Pois, se por acaso o riso sobre nós mesmos ou com os outros mudasse em riso às custas dos outros, o riso tornar-se-ia sarcasmo e expressão de desprezo.

O riso é uma tal ruptura no sofrimento que ele não é possível nem sempre, nem para todos, nem a propósito de tudo. Eu chego, então, à minha segunda questão, para sublinhar os limites do riso, ou a impossibilidade de rir. Existem, por exemplo, circunstâncias trágicas que proíbem o riso, ainda que a extremidade da tensão produzida pela visão do trágico possa provocar o riso louco. Se, por acaso, transportando um cadáver, os papa-defuntos fazem algum gesto que evidencie falta de destreza, esse gesto pode sacudir os mais tristes da assistência no riso mais incoercível.

Mas não é do riso através do trágico das situações que eu quero falar, é do limite que está fixado ao riso naquilo que concerne o próprio riso. Existe em cada pessoa um ponto de sofrimento que lhe é próprio, uma falta de seu ser que é para ele o nascimento de sua subjetividade, um local do qual ele pode aproximar-se sem correr o risco da decomposição. Nós podemos, com um pouco de astúcia, rir de nossos desesperos ou de nossas angústias - e eu uso intencionalmente o plural que prova que nós não tocamos, então, senão as múltiplas figuras que podem revestir esse sofrimento ou essa falta que nos é própria, que é nosso próprio segredo. Dito de outra forma, nas bordas e nos arredores dessa falta, nós podemos rir e suportar que os outros riam ou nos façam rir. Mas se, por acaso, em um gesto com que quer desembaraçar-se do peso que nós fazemos recair sobre ele, o ser mais amado, que nos conhece melhor que nós próprios, começa a rir de nosso sofrimento mais escondido aos nossos próprios olhos, seu riso torna-se imperdoável. Em um desajeito da psicanálise, acreditando que era o momento de fazer rir, mas de fato para aliviar minha própria angústia, aconteceu-me dizer a palavra que não era necessária, porque ela estava impregnada desta verdade que assassina, sob o pretexto de levar à libertação. O limite do fazer o outro rir reside no limite que o outro coloca no seu riso sobre si mesmo. A arte do fazer rir supõe o conhecimento exato daquilo de que o outro não poderia rir em nenhuma hipótese, a saber, a infelicidade singular de sua existência singular.

Isso não me impede de pensar que a possibilidade de rir de si próprio - pois é ainda disso que eu estou falando - marca o êxito de uma psicoterapia. Mas, de certa forma, seria necessário dizer que essa possibilidade indica a possibilidade de uma terapia. É como se fosse um critério usado como ponto de partida, pois a possibilidade de rir de si próprio é o mínimo de distância com relação a si que é um requisito no princípio da cura. Aconteceu-me aceitar alguns histéricos ou histéricas em análise e de ter lamentado tê-los aceitado. Eles ou elas podiam rir dos outros, mas se encontravam na impossibilidade de se levarem a sério, na mais absoluta seriedade. Não lhes peçamos para rir ou sorrir nem mesmo um instante de seus sintomas proteiformes, eles não possuem esse dom. Impossível começar com eles ou elas um trabalho que não terminaria senão em um ódio duradouro. O que eles ou elas querem é a dominação do outro, pela provocação de sua admiração e de êxtase por seu ser sem falhas. Pelo contrário,



nos casos favoráveis, a possibilidade de rir de si pode exprimir-se enquanto o sofrimento que está sempre próximo, sob a forma de uma doce tristeza divertida, a partir da constatação da incessante repetição das mesmas infelicidades.

Parece-lhes que eu me distanciei do título que eu dei a este ensaio. Mas estamos, talvez, próximos do título por esta ponta pela qual podemos nos separar de nós mesmos, quer dizer de nosso sofrimento, que outros chamam de gozo. Todo indivíduo que gostaria de nos atingir por essa ponta será considerado como inimigo e perseguidor. A única diferença com o paranóico é que nós não somos inacessíveis ao riso em tudo e por tudo, mas apenas por essa ponta que eu evocava há pouco.

Antes de ir mais longe, eu devo abordar a terceira questão, a da relação que o riso mantém com a incerteza, relação que nos obriga a colocar a impossibilidade que o paranóico tem de rir de si próprio. Rir de si mesmo é tomar, em relação a si próprio, a distância mínima que nos faz apreciar o que fazemos, pensamos e dizemos como o poderia fazer um outro que dispusesse, ao mesmo tempo, da mais exata severidade e da mais liberal indulgência. Porque a distância tomada pelo riso é mínima, é impossível que o que nós fazemos, pensamos e digamos não seja passado por um crivo e considerado com crueldade. Mas, porque é a distância tomada pelo riso, a apreciação não se faz na crueldade. Ela traz, com sua clareza sem concessão, o unguento e o bálsamo que a libertam do desespero.

O riso de si mesmo que não deixa nada passar, mas que tolera todas as misérias, supõe uma super abundante vitalidade que não tem necessidade de reter suas produções para dar-se a ilusão de existir, mas que está ocupada pelo único prazer de ainda produzir, de ainda tentar, de procurar sem fim e de sempre voltar ao princípio, ao começo, ao elementar, sem se dar nada que seja adquirido. Com a chegada da idade e do cansaço, acontece, com pensadores de renome, não mais serem capazes de rir de si próprios. Eu os vejo tornarem-se paranóicos. Eles se dedicam a preservar o benefício de suas descobertas e procuram, para isso, o aplauso da multidão. Não podendo mais rir de si próprios, ou de sua vida que vai em direção ao ocaso, eles se sentem incapazes, como diz Nietzsche, de serem inimigos de seu próprio pensamento e se cercam de discípulos que lhes são devotos. Eles fundam uma religião ou um império, onde estarão ao abrigo de seu próprio riso pela adoração séria daqueles que os cercam. Chega um dia em que o rei não suporta mais seu bobo e o manda deixar no ostracismo.

O riso é uma coisa tão incerta, tão improvável na sua distância infinitesimal, que não se poderia, em caso algum, decidir usá-lo como um caminho praticável. Ele nos escapa. Talvez o guardemos no coração como inspiração que não sabemos quando nem de onde vem. Mas podemos, pelo menos, decidir não recorrer à diminuição de peso dos espíritos medíocres, para sustentar a indigência crescente de seu pensamento. Como não reconhecer, porém, que um tal processo nos fecha uma porta do desespero, pois é bem verdade que o riso de si mesmo pode tornar-se um grande perigo, se a força, a generosidade e a arte se foram e o riso não se encontra senão diante do vazio?

O riso é igualmente incerto, porque ele pode transformar-se em acusação. Um humorista muito conhecido na França, Guy Bedos, fustiga nos seus *sketches* as pequenas falhas dos Franceses e, em particular, as formas tomadas por eles com relação ao racismo. Seus ouvintes riem. Mas, às vezes, alguns deles não sabem mais na direção de quem o riso é dirigido; quer dizer, se o ridículo porta-se sobre os pretensos bons Franceses ou sobre os estrangeiros, pois se se mostra os Franceses racistas debochando dos *Pieds-noirs* (Argelinos) ou dos Árabes sublinhando o ridículo desses últimos, é deles, enfim, que parecerá que estão debochando. Ou ainda se, como humorista, vocês imitam bem o sotaque deste estrangeiro do qual o racista debocha, vocês contribuam ou podem contribuir para acentuar esse deboche. Os ouvintes que não compreendem de que lado vai cair o riso confirmam, assim, um dos aspectos da incerteza do riso.

Como rir de si com os outros? Com que outros dividir o riso e quem será excluído do riso? A resposta a estas questões é sempre incerta, pois, sendo o outro que ri, nós já somos o outro de quem se ri. O "nós" daqueles que riem não pode ser certificado e, no entanto, isso é indispensável, se o riso deve



passar, incessantemente, dele a ele mesmo.



Podemos voltar, agora, à questão colocada com relação ao paranóico, perguntando-nos, em primeiro lugar, em que condições o “nós”, que é pré-requisito do riso, vai no seu caso poder ser constituído. Existem dois pré-requisitos que, à primeira vista, parecerão contraditórios: por um lado, será necessário que o psicanalista não dê nenhum apoio à paranóia; por outro lado, ele deverá tornar possível o exercício desta paranóia. Eu me explico.

Eu diria que o paranóico é alguém que, paradoxalmente, está ameaçado de perder os seus próprios limites. Isso porque ele precisa provocar o outro a se tornar o seu perseguidor. Esse último vai, assim, protegê-lo da ameaça de espalhar-se como um fluido; ele vai traçar uma fronteira contra a qual o paranóico deverá, incessantemente, vir chocar-se para se dar a certeza de existir em um espaço físico ou psíquico circunscrito. Seus próprios limites incertos, o paranóico não pode reconhecê-los no lugar onde eles se situam, a saber no domínio dos sentimentos mais elementares, bem aquém de um narcisismo primário que supõe a primeira divisão psíquica. Porque ele dá as costas a este sentimento forjando teorias totalizantes ou totalitárias, graças às quais ele se coloca em posição de garantia da verdade.

Assim, nada mais se impõe ao psicanalista a não ser o questionamento de toda teoria possível. Com efeito, o psicanalista que consideraria algo na ordem da construção intelectual não poderia, senão, vir a reforçar a sintomatologia do paranóico, o qual, por um lado, quer considerar-se no registro do pensamento e, por outro, tem necessidade de oposição neste registro para nunca mais sair dele. Um paranóico procurará, por exemplo, conhecer o que o seu psicanalista pode dizer ou escrever, ele procurará perceber e detectará facilmente da sua loucura lúcida a que o psicanalista considera a mais importante no campo teórico. E ele não atacará esse ponto crucial. Se, em alguma hipótese, o psicanalista se sente ferido por esses ataques, se ele manifesta qualquer resistência, mesmo no silêncio, para proteger seu próprio bem, o paranóico não deixará de aproveitar-se disso para instalar-se no seu sintoma. Se, ao contrário, e é aqui que voltamos ao riso, o psicanalista pode debochar de si próprio e em si próprio, e rir, publicamente, na privacidade ou na sua presença daquilo que ele defende, o paranóico entra em uma angústia necessária, porque suas defesas, que não suportavam a resistência da fronteira psicanalista, capitulam. O riso desbragado do analista em consideração às suas próprias convicções, crenças ou certezas aparece como a primeira condição de descarga dos sintomas do paranóico. É contra o que se bate, então, este último, sem justamente poder chocar-se, é a paixão da incredulidade que faz casa no analista.

Mas, se por um lado o analista não dá nenhum apoio à paranóia, ao mesmo tempo ele deverá tornar possível o seu exercício, sob pena de ver o paranóico destruir-se psiquicamente. Entretanto, a possibilidade de agressão real não deverá acontecer no domínio da teoria ou mesmo da linguagem. Será necessário que ela passe por outras vias. Por aquelas precisamente que lhe faltam e cuja ausência a levam a construir outras em um nível que não está adaptado àquele que lhe falta. Para dizer de outra forma, aquilo de que o paranóico sofre é de não ter constituído no tempo desejado os limites de sua própria individualidade; ele é forçado a constituir seus limites alucinados ou delirantes imaginando perseguidores. Mas, justamente porque ele não possui, em lugar algum, limites próprios, é preciso que seus perseguidores estejam em toda parte, para lhe dar a ilusão de que ele tem, em todo caso, limites.

O que lhe deve fornecer a análise é a queda desses limites delirantes e a possibilidade de construir, ele mesmo, os seus próprios limites, aquém de qualquer representação, através de uma regressão de sua individualidade enquanto confinada à animalidade. E é preciso que, fazendo isso, o paranóico não se crie perseguidores, mas que ele persiga, realmente, no registro onde apenas o sensível está em jogo. Eu exemplifico para vocês.



Recebi, durante mais de dois anos, alguém cujas tendências paranóicas eram mais que pronunciadas. Desde que ele entrava no meu apartamento e muito depois de sua partida, reinava um odor acre persistente que os desodorantes da melhor qualidade dificilmente dissipavam. Diante de um tal estado de coisas, eu não tinha nenhuma possibilidade de reagir ou de interpretar; tudo se passava em um nível que eu não podia senão perceber.

Compreendi rapidamente que esse caso de odor era decisivo na análise. O odor permitia a esse paciente não apenas me agredir, mas também marcar seu território. Vocês conhecem a prática dos animais selvagens. Um bode roça seu corpo contra as árvores que delimitam seu domínio, deixando nelas o seu odor; outros animais vêm urinar em um certo número de pontos e avisam, dessa forma, os intrusos. É, como poderíamos nomeá-lo, o princípio do odor-duaneiro.

Esta operação era decisiva para o paciente porque lhe permitia estabelecer seu limite por outras coisas que não as idéias, representações ou valores culturais. Todas, com efeito, o teriam reconduzido à reafirmação de seus sintomas. Seu novo limite era, ao contrário, formado pelo não visível (pois o paranóico é apaixonado pelo visível), entretanto sensível ao não visível. Além disso, era preciso que esse limite fosse traçado no meu território, agredindo-me assim, sem que eu pudesse repudiá-lo por uma reação agressiva. Mas ele devia saber, apesar de tudo, que ele me agredia e que eu suportava essa agressão. Assim, no território de um outro, quer dizer, na sua relação sensível com um outro, ele constituía seu próprio limite elementar, ele se formava como indivíduo. Pois a paranóia é a doença que vence a ausência de individualidade; ela é, logo, o ódio da individuação, porque ela é o modelo de todo poder.

Eu me perco. Talvez não, pois a possibilidade de constituir-se como indivíduo era para esse paciente a possibilidade de rir de sua loucura. Há não muito tempo, ele disse que desconfiava de mim. Eu o encorajei a escrever-me, mas ele pensava que, desde que ele publicasse, eu pegaria na pena para atacá-lo. No final da sessão, eu lhe disse, quando ele partia: "você tem razão, desde que eu veja uma linha escrita por você, eu terei um imenso prazer, e você sabe que a minha escrita é mordaz". Ele explodiu em riso e, a partir desse momento, ele nunca mais fez alusão à minha palavra como uma ameaça. Eu considero que ele está curado. Mas essas palavras jamais poderiam ter sido ditas com discernimento se, durante meses, ele não tivesse constituído seu próprio limite representando-o através do no interior do meu.

ROUSTANG. François. Comment faire rire un paranoïaque. In: *Critique - revue générale des publications françaises et étrangères*. Tome XLIV, n. 488-489, Janvier/Février, 1988, p. 5-15.

